

A arte do encontro: o Cineclube na escola

RESUMO: Este artigo tem por objetivo apresentar um relato de experiência sobre a rede pública municipal do Rio de Janeiro com a implantação, em 2008, do Projeto Cineclube nas Escolas. Esse texto busca provocar reflexões sobre a relação entre Cinema e Educação, além de apresentar uma metodologia de trabalho com filmes em contexto educativo formal. Por meio de três eixos – acervo, ação cineclubista (exibição/produção) e formação – alunos e professores têm contato com o cinema numa abordagem diferenciada. Eles são incentivados ao acesso plural de narrativas audiovisuais que visam possibilitar o desenvolvimento da sensibilidade estética, do pensamento crítico e da autonomia criativa em diferentes campos do conhecimento. O Projeto Cineclube nas Escolas é promovido pela Gerência de Mídia-Educação, da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro – a maior rede de ensino pública da América Latina. O acesso à cultura e à educação são direitos primários, imprescindíveis à formação cidadã, mas, com grande frequência, a cultura aparece no currículo escolar como algo supérfluo ou de menor importância em relação às demais disciplinas.

PALAVRAS-CHAVE: Arte. Cineclube. Cinema. Cultura. Educação.

Luciana Bessa Menezes
Secretaria Municipal de Educação
do Rio de Janeiro Universidade de
Coimbra
lucianabessa@rioeduca.net

Introdução

*As coisas são porque as vemos,
e o que vemos, e como vemos,
depende das artes que tenham influído em nós.*

Oscar Wilde (Intentions, 1891)

Faz muito tempo que o cinema está presente nas salas de aulas das escolas brasileiras. Então, por que trazer esse tema para discussão?

Normalmente, o cinema na escola é utilizado como entretenimento, pretexto para ensinar conteúdos e até mesmo para ocupar algum tempo ocioso, na falta de um ou outro professor. Pensar em outras formas de experimentação do cinema pela educação motivou a criação, em 2008, do Projeto Cineclube nas Escolas, pela Gerência de Mídia-Educação, da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME/RJ) – a maior rede pública de ensino da América Latina. A premissa básica da proposta é trazer o cinema para a escola não apenas como uma atividade pedagógica, mas como ato criativo, apresentando o filme como um gesto de criação.

O Projeto Cineclubes nas Escolas foi inspirado no *Plan de Cinq Ans pour les Arts et la Culture*, criado em 2000, por Jack Lang, ministro de educação da França, que pretendia desenvolver as artes e a cultura nas escolas da rede pública de seu país em ação conjunta com o Ministério da Cultura. Para ajudá-lo a realizar essa tarefa, Lang convidou o cineasta Alain Bergala.

A proposta francesa enfatizava o cinema como arte, desconstruindo a concepção funcionalista habitualmente dada a esta linguagem na escola. O cinema seria introduzido como hipótese de alteridade. Ele seria o “outro”, um estrangeiro que provoca a escola com o ato criativo.

A iniciativa francesa foi a principal inspiração para a proposta do Projeto Cineclubes nas Escolas que, aos poucos, ganhou feições próprias e vem se reinventando ao longo desses anos por força dos encontros com professores, alunos e parcerias que agregam importantes contribuições, de forma, inclusive, a orientar seus rumos futuros. A implantação do projeto foi marcada por um forte desejo de oferecer à escola um espaço de subversão, onde o lugar do aluno e do professor não está estabelecido de antemão, mas é configurado na relação com a experiência fílmica.

Na sociedade contemporânea, quando se trata do uso do audiovisual – televisão, cinema, vídeo – é possível perceber que quem detém o conhecimento nem sempre é o adulto, o professor, mas, muitas vezes, a criança, o aluno. Essa subversão de papéis de quem ensina e de quem aprende pode ser compreendida a partir do princípio de “emancipação intelectual”, do filósofo francês Jacques Rancière (2002). Este filósofo defende que o mestre deve ser aquele que provoca a curiosidade do aluno e o guia até o conhecimento. O mestre emancipador liberta o aluno das explicações externas, oferecidas pelo mestre sábio, valorizando, assim, as novas ideias e a criação de conhecimento por parte do aluno.

Para Menezes e Callais (2008, p. 4, grifo do autor): “ao refletirmos, dentro do princípio da emancipação intelectual, a educação acontece justamente quando a *pedagogização* pára. É preciso assumir o não-saber, a ignorância, o aprender junto, para que algo, que não pode ser antecipado e previsto, aconteça”. De acordo com essa perspectiva, o processo de ensino-aprendizagem está em constante movimento e não cristalizado. A relação é dialógica entre professor e aluno, na qual um ensina o outro, sem hierarquias.

A ideia de levar o cinema para escola como arte e a constituição de uma filмотeca propostas por Lang e Bergala foi o ponto de partida para a criação do Projeto Cineclube nas Escolas. O acesso a filmes fora do circuito comercial visa despertar novos olhares e potencialidades por meio do cinema. Em 2008, ainda na forma de projeto piloto, foram implantados 50 pontos de cineclube na rede pública municipal de ensino, distribuídos nas 30 Salas de Leitura Pólo, 17 salas de Leitura Satélite – de escolas próximas aos Núcleos de Arte e Pólos de Educação pelo Trabalho –, no Instituto Helena Antipof, no Centro de Referência de Educação de Jovens e Adultos e na própria Gerência de Mídia-Educação.

Para marcar a estreia do projeto, foi realizada uma mesa redonda sobre cinema e educação, com a presença da diretora do Cineduc¹, Bete Bullara, do então presidente da Associação de Cineclubes do Estado do Rio de Janeiro (Ascine), Rodrigo Bouillet, e do documentarista Geraldo Pereira. Em 2010, o projeto ganhou um lançamento oficial no Cine Odeon, um dos cinemas mais tradicionais da cidade do Rio de Janeiro. Participaram desse encontro o cineasta brasileiro Silvio Tendler – padrinho do Projeto Cineclube nas Escolas – e Maria José Alvarez, sua ex-professora.

A partir desse momento, o projeto foi sendo implantado em outras unidades, totalizando, ao final daquele ano, 210 pontos de cineclubes. A inserção de novas unidades vem ocorrendo gradualmente, a partir de um planejamento que considera o interesse de participação dos professores e alunos, os projetos estratégicos da gestão e as disponibilidades orçamentárias, definidas a cada ano letivo.

Mas por que um Cineclube na escola?

[...]o milagre de um grande romance, como de um grande filme, é revelar a universalidade da condição humana, ao mergulhar na singularidade de destinos individuais localizados no tempo e no espaço. (MORIN, 2000, p.44)

A criança do século XXI está inserida em um mundo multimídia, onde a linguagem audiovisual circula tanto quanto a linguagem escrita. No entanto, a escola normalmente só se preocupa com a formação leitora dos alunos em relação aos livros, colocando em segundo plano a sua função na formação da leitura de

(1) Cineduc – Cinema e Educação é uma entidade sem fins lucrativos, fundada em 1970 e declarada de utilidade pública por lei municipal do Rio de Janeiro em 17 de janeiro de 1984. É o representante brasileiro junto ao Cifej (Centre International du Film pour l'Enfance et l'Jeunesse), órgão da Unesco, com sede em Montreal.

imagens, sejam elas fixas ou em movimento. Duarte (2004, p.213) observa que, hoje, a educação exige novos pressupostos, entre eles, aquele que admite a produção e a difusão de conhecimentos por textos compostos em imagem-som e que possam ter legitimidade, confiabilidade e valor epistemológico como de outras fontes.

O cinema pode estar presente na sala de aula de muitas formas, o que se argumenta é que seu uso não seja restrito a um recurso metodológico para facilitar a aprendizagem de determinado conteúdo, ou apenas como forma de lazer e entretenimento, mas que possa favorecer a ampliação da experiência fílmica de alunos e professores. Afinal, o que um filme apresenta vai além dos assuntos estudados numa determinada série ou em uma única disciplina. O cinema, assim como a literatura, pode ser um meio para refletirmos sobre o mundo a nossa volta, expondo e questionando a realidade.

A proposta de cineclube propicia, tanto para professores quanto para alunos, o prazer e a reflexão acerca do filme. Ela traz a exibição como ato de cultura e um poderoso instrumento de intercâmbio, proporcionando um espaço de convívio e diálogo entre o acervo audiovisual do aluno, constituído em sua experiência cotidiana, e as produções artísticas e culturais reconhecidas de diferentes épocas e contextos socioculturais, apresentadas pela escola.

O Projeto Cineclube nas escolas

Atualmente, 270 unidades integram o Projeto Cineclube nas Escolas, que funciona, normalmente, no contraturno do horário de aula. Os professores que participam da proposta têm uma formação profissional muito diversificada. Ele reúne desde o professor da sala de leitura, ao professor generalista (de 1º segmento), incluindo professores de História, Artes, Geografia, Educação Física, entre outros.

O projeto está estruturado a partir de três eixos: acervo (acesso), ação cineclubista (exibição/ produção) e formação. As unidades recebem equipamentos para exibição (projetor, telão, caixas de som e filmes) e paraprodução (filmadora). A ideia é subsidiar esses espaços com materiais de apoio para a realização do projeto. Apesar do acesso aos filmes na sociedade contemporânea ser mais fácil, verifica-se, no entanto, que isso não garante a diversidade cultural. Normalmente, as produções que circulam no circuito das

salas comerciais de cinema privilegiam um determinado tipo de narrativa fílmica. Segundo Duarte,

Como a maioria dos filmes a que eles (alunos) têm acesso são feitos dentro de um certo padrão estético e narrativo, a tendência é que se estabeleça, entre eles, um ciclo de 'mais do mesmo': vejo apenas o que gosto, gosto apenas do que vejo. O cineclube rompe com esse ciclo quando oferece aos aprendizes de cinema a possibilidade de ter acesso a diferentes tipos de filmes e, em especial, a obras que estão fora do seu padrão de gosto. (DUARTE, 2012, p.3)

Para ampliar o repertório cultural dos alunos, o projeto disponibiliza um acervo de filmes nacionais de diferentes categorias e gêneros, que reunia, em 2017, 151 títulos nacionais, entre curta, médio e longa metragens. O objetivo desse material é possibilitar aos alunos formas de conhecer a linguagem cinematográfica, como mais um elemento constitutivo de sua formação e incorporar essa arte ao seu repertório cultural, ampliando, assim, sua potencialidade no exercício de uma postura crítica e reflexiva na vida e no trabalho.

O que se pretende com a constituição dessa filmoteca é favorecer o contato com outras estéticas, para além daquelas que dominam o mercado cinematográfico. Bergala (2008) afirma que a filmoteca pode modestamente ajudar na escolha do que assistir, por apresentar uma primeira triagem dentre uma infinidade de opções de filmes. Segundo ele, a iniciação artística pode começar às vezes por uma simples atitude de sensibilidade pedagógica: "colocar o bom objeto no momento certo ao lado da pessoa certa." (BERGALA, 2008, p. 111).

O acervo facilita, ainda, o cumprimento da Lei nº 13.006/14, que determina todas as escolas de educação básica exibir duas horas de cinema nacional por mês como componente curricular complementar, integrado à proposta pedagógica. Vale ressaltar, no entanto, duas questões. A primeira diz respeito ao número de filmes, que ainda é insuficiente para dar conta do que propõe a legislação, e isso implica na discussão dos direitos autorais das obras para facilitar a aquisição de filmes para o acervo. A segunda questão é qualificar essa exibição, para que ela seja uma oportunidade de aprendizagem. É importante enfatizar, ainda, que o cineclube não tem a intenção de formar consumidores de filmes para o mercado

nacional, mas, sim, de desenvolver o olhar e o gosto de jovens e crianças por meio do cinema.

O eixo acervo envolve, também, a aquisição de livros que tratam do tema cinema e educação. Atualmente, ele é composto por mais de 30 títulos, que circulam pela comunidade escolar. As unidades que integram o projeto são orientadas a emprestar tanto os equipamentos quanto o acervo (filmes e livros) para outras escolas que desejam realizar suas sessões cineclubistas – ampliando, assim, a atuação do projeto para além de suas 270 unidades. Vale ressaltar que a infraestrutura é importante, porém, sozinha, não garante a exibição. É preciso a colaboração de todos os educadores para que este acervo e equipamentos sejam utilizados e mobilizados no ambiente escolar e provoque novas compreensões de mundo.

O segundo eixo é a ação cineclubista na escola. A meta é a realização de pelo menos uma sessão por mês, mas isso varia de unidade para unidade, já que o projeto garante a autonomia para a realização das exibições. Ao provocar o exercício regular de ver filmes na sala de aula, aproximando a educanda da experiência do cinema, o projeto visa contribuir para a formação dos alunos, estimulando-os a buscar, de forma mais consciente, novas experiências com as obras cinematográficas e a leitura de narrativas audiovisuais.

Na organização da sessão cineclubista, os alunos são incentivados a assumirem o protagonismo, sendo responsáveis por todo o processo de exibição: da escolha do filme até os desdobramentos após a sessão. Em 2012, foi lançada a proposta de alunos monitores visando a uma participação mais articulada desses jovens nas diversas etapas do projeto.

Segundo Duarte (2002), para criar “um ambiente de significação coletiva” é importante reunir previamente informações sobre o filme a ser exibido. Esses dados podem ser: o segmento do público a que se dirige (classificação indicativa); o gênero; os créditos e a trilha sonora, sites com informações sobre a obra; trailer; especificação de metragem (curta ou longa) e crítica. Com isso a autora enfatiza a importância de trazer o contexto (histórico, político e/ou econômico) em que o filme é produzido, favorecendo uma melhor compreensão da obra.

Os alunos são instigados pelos professores a realizarem pesquisas de textos e artigos sobre os filmes que serão exibidos. São sugeridas leituras de entrevistas com os diretores e atores, que

abordem a questão da linguagem e as escolhas da direção sobre as cenas. Os dados curiosos do filme ou das gravações também são fontes de informação que podem enriquecer o debate após a sessão e motivar outras investigações acerca do diretor ou dos profissionais que atuam na produção da obra.

Para que um cineclube seja realmente um cineclube, é fundamental que haja um momento reservado para a troca de experiências depois da sessão. Ele pode ser realizado apenas entre alunos e professores ou, ainda, contar com a presença de um convidado especial. Não se trata apenas de uma leitura analítica e crítica do filme, mas de uma leitura que permita o entendimento dos alunos em relação aos signos e significados da escrita fílmica, com som e imagem, concebendo aquele espaço para além da reprodução de conhecimentos. Cabe lembrar que cada pessoa faz sua leitura individual do filme, por mais que o assista num ambiente coletivo. Segundo Duarte (2012, p. 6, grifo do autor):

O cinema de cada um não interfere apenas no modo como vemos filmes, afeta também o modo como vemos e interpretamos a realidade e como compreendemos as experiências e idiosincrasias humanas. Por isso, a meu ver, é também tarefa dos cineclubistas apresentar aos aprendizes de cinema obras com alto potencial 'affectivo', capazes de impregnar de beleza, delicadeza, sensibilidade e alteridade o cinema de cada um deles.

O eixo sessão cineclubista envolve, também, a ida de alunos e professores às salas de cinema, uma vez que a ação realizada na escola não exclui, pelo contrário, visa estimular a aproximação aos bens culturais da cidade. Muitas crianças vão ao cinema pela primeira vez por iniciativa do projeto. Essa ação é desenvolvida em parceria com os principais festivais de cinema da cidade do Rio de Janeiro: Anima Mundi, Festival do Rio (Mostra Geração), Festival Varilux de Cinema Francês, Mostra Cinema e Direitos Humanos no Mundo, Festival de Cinema Negro Brasil/África/Caribe, Festival Internacional Pequeno Cineasta, Filmambiente, Mostra do Filme Etnográfico, Festival É Tudo Verdade, Festival Internacional de Cinema Infantil (FICI), Festival Visões Periférica, entre outros.

A pluralidade das parcerias garante a diversidade nas produções visionadas, favorecendo a ampliação do repertório, inclusive, o acesso a obras de outros países. Esse eixo engloba a

circulação de mostras itinerantes nas escolas e a participação de alunos e professores nos festivais como autores de suas próprias narrativas audiovisuais.

Em consonância com a proposta de Alain Bergala (2008), o Projeto Cineclube nas Escolas busca incentivar a autoria de alunos e professores. Ver e fazer são frente e verso de uma mesma práxis. O processo de criação é enfatizado, não apenas o resultado dessa *escrita* com sons e imagens.

Bergala (2008) acredita que não basta a exibição de filmes e a provocação de debates sobre o conteúdo para a formação de subjetividades críticas. Faz-se necessário conhecer o processo de produção do audiovisual, suas técnicas, narrativa e linguagem, bem como discutir a intenção por trás de determinadas representações sociais. O autor enfatiza que o professor não deve exigir ou esperar que os filmes sejam narrativos, compreensíveis e bem acabados, pois é complexa a criação de uma história “com imagens e sons, decupagem, encenação, ritmos e significações e demanda anos de maturação” (BERGALA, 2008, p.175).

Em 2008, o Projeto Cineclube nas Escolas promoveu o lançamento, em DVD, com distribuição para todas as escolas, do 1º longa-metragem produzido por alunos e professores da rede pública municipal do Rio de Janeiro. Trata-se do documentário “Alma Suburbana”, que debate a questão do subúrbio carioca pela perspectiva da cultura, do espaço e da organização social. O filme produzido pelos professores Luiz Cláudio Lima e Joana D’arc é uma coprodução da oficina de Vídeo do Núcleo de Arte Grécia, localizado na Escola Municipal Grécia, e do Cineclube Subúrbio em Transe.

A proposta era discutir a geografia local e a experiência cotidiana dos moradores do bairro a partir das mídias. Incentivados a manifestar uma visão crítica sobre seu território, os alunos produziram documentários, videoclipes, ficções e animações para expressar inquietações e expectativas. O trabalho ultrapassou os muros da escola, levando professores e alunos a buscarem espaços alternativos para exibição regular de filmes, com a participação em festivais de cinema ampliando a dimensão do que estava sendo realizado na escola.

Outras produções realizadas por alunos e professores vêm ganhando destaque internacional. É o caso, por exemplo, da animação “Brincadeira de Criança”, produzida pelos alunos do Ciep Presidente Agostinho Neto, sob a orientação da professora Amália

Maria Mattos, selecionada pelo 11º Festival Internacional de Cine Nueva Mirada para La Infancia y La Juventud (Argentina).

A formação de professores e alunos é o terceiro eixo do projeto. Afinal, como trabalhar com filmes na escola, se há um grupo de professores que não assistem a filmes ou assistem apenas às produções do cinema comercial?

Obviamente o professor não precisa ser crítico profissional de cinema para trabalhar com filmes na sala de aula. Mas o conhecimento de alguns elementos de linguagem cinematográfica vai acrescentar qualidade ao trabalho. Boa parte dos valores e das mensagens transmitidas pelos filmes a que assistimos se efetiva não tanto pela história contada em si, e sim pela forma de contá-la. (NAPOLITANO, 2003, p.57)

Como qualquer obra de arte, o cinema comunica algo e é capaz de provocar o espectador. Isso acontece mais pela forma como os temas são desenvolvidos do que pelos temas propriamente ditos. Por isso, os vários aspectos da linguagem são relevantes para a sua compreensão: ângulo, enquadramento, interpretação, montagem de planos, sequência, fotografia (texturas e cores da imagem) etc. Segundo Stam (2000), o filme é:

[...] em um nível mimesis, representação, mas é também uma fala, um ato de interlocução contextualizada entre produtores e receptores socialmente situados. Dizer que arte é 'construção' não deveria ser o fim das discussões, mas o começo. Temos que perguntar, construída por quem? e em que correlação com quais ideologias e discursos? (STAM, 2000, p. 228)

Para que professores e alunos exerçam o ato de criação ou de uma apreciação mais qualificada, o projeto oferece, ao longo do ano letivo, diversas ações de formação, que privilegiam a vivência dos elementos da linguagem do cinema, normalmente com profissionais da área e de universidades, em parceria com os festivais de cinema e instituições especializadas.

Para estabelecer uma relação diferenciada entre o espectador e a obra, o projeto tem investido em parcerias com os cinemas comerciais da cidade visando facilitar o acesso de professores às suas salas de exibição. O resultado dessa iniciativa pode ser ilustrado com a parceria realizada com o Vila Cine Educação,² que possui uma sala de exibição na cidade do Rio de Janeiro: o Cine Joia Copacabana.

(2) O Vilacine Educação (incentivo via lei do ISS) é o projeto educativo da produtora e distribuidora de filmes Vilacine. A proposta consiste em levar os alunos de escolas públicas e particulares ao cinema para assistir um filme que possua potencial para exploração educacional do conteúdo; relacionando-o à matéria dada em sala de aula e que seja coerente com a faixa etária dos alunos. Além dos filmes exibidos na grade normal das salas de cinema, o projeto conta com um catálogo específico de filmes. O professor pode marcar avulsamente a sessão para seus alunos em uma das unidades.

(3) O Anima Escola foi criado pela equipe do Anima Mundi, Festival Internacional de Animação do Brasil. O projeto oferece cursos e oficinas a alunos e professores, para que possam produzir em sala de aula os seus próprios filmes de animação. De forma lúdica, a metodologia desenvolvida para a produção de filmes animados estimula o desenvolvimento de diversas habilidades e competências fundamentais para o desenvolvimento de crianças e de jovens: criatividade, planejamento, síntese, abstração, concentração e comunicação.

Esse espaço oferece aos professores da rede pública municipal, toda segunda-feira, ingressos gratuitos para qualquer filme em cartaz. Já para os alunos, a ação é realizada visando aproximar as escolas próximas ao cinema. De segunda à sexta, na parte da manhã, os professores podem levar seus alunos, mediante um agendamento prévio, para assistir a um dos filmes do cardápio do cinema ou mesmo propor um filme a ser exibido.

Bergala (2008) acredita que o gosto pessoal do professor e sua relação íntima com as obras de arte são importantes, pois:

[...] quando aceita o risco voluntário, por convicção e por amor pessoal a uma arte, de se tornar 'passador', o adulto muda de estatuto simbólico, abandonando por um momento o seu papel de professor, tal como definido e delimitado pela instituição, para retomar a palavra e o contato com os alunos de um outro lugar dentro de si. (BERGALA, 2008, p. 64).

Nessa mesma perspectiva, o projeto mantém, desde 2013, uma ação conjunta com o Cineduc por meio da realização de um cineclube para professores, chamado *Viajando com o Cinema*. As sessões são normalmente mensais e gratuitas, nos espaços Oi Futuro (Ipanema e atualmente, Flamengo). Essa proposta também tem sua versão voltada para alunos, que acontece pelo menos quatro vezes por mês.

A curadoria dos filmes, realizada por profissionais do Cineduc, visa privilegiar obras que motivem discussões acerca das mais variadas questões. Desde o início do projeto, a tônica é o ecletismo e a supressão de qualquer forma de preconceito diante do audiovisual, porém tendo o cuidado de manter a qualidade artística. Em todas as sessões (tanto de alunos quanto de professores) são distribuídos folders com informações técnicas e de linguagem para aprofundar a leitura dos filmes exibidos, além de reflexões sobre a abordagem do tema.

Nesses três anos de *Viajando com o Cinema*, foram exibidos filmes de várias nacionalidades, mas com uma ênfase no cinema brasileiro. As sessões de alunos são apresentadas e debatidas pela equipe do Cineduc, acrescida de monitores que são estudantes da licenciatura de Cinema na Universidade Federal Fluminense (UFF).

Vale à pena destacar, ainda, a parceria da SME/RJ com o Anima Escola³ para introduzir a linguagem de animação nas escolas, possibilitando a construção de novas práticas pedagógicas e novos

modos de conhecimento. Ela existe há 15 anos, antes mesmo da criação do Projeto Cineclube nas Escolas que, atualmente, gerencia essa formação na rede municipal de ensino.

Em 2016, essa parceria se ampliou e 30 unidades da rede de ensino participaram do Circuito Anima Mundi nas Escolas. Simultaneamente ao Festival Anima Mundi na cidade do Rio de Janeiro, realizado em final de outubro, escolas e bibliotecas municipais exibiram, em seus espaços, a mostra Futuro Animador. Essa iniciativa teve um alcance de mais de 4 mil espectadores, entre alunos, professores, funcionários e responsáveis. Dentro da mesma proposta de levar os festivais para a escola, desde 2015, o Festival Internacional Pequeno Cineasta realiza a Mostra Pequeno Cineasta na Escola. Em 2016, aproximadamente 11.500 alunos participaram das 171 sessões realizadas nas escolas.

Considerações finais

O projeto apresentado neste texto vem se constituindo, ao longo dos anos. Ele não está acabado, mas em processo de ação-reflexão. Sua delineação é fruto da prática dos professores e a partir da experiência acumulada pela própria rede pública municipal do Rio de Janeiro, que já tinha incorporado o uso do filme na escola muito antes da criação dessa proposta.

A experiência na rede pública municipal do Rio de Janeiro mostra que há uma potência ainda a ser explorada na relação do cinema com a educação. Conhecer mais sobre o cinema, sua história e sua linguagem, estabelecendo o diálogo com o currículo e o cotidiano escolar, é uma possibilidade prazerosa de ampliação do repertório cultural e da formação crítico-reflexiva de professores e alunos.

O Projeto Cineclube nas Escolas tem buscado dar ao cinema um outro lugar na escola. Um espaço que se constrói na relação afetiva de professores e alunos com a experiência cinematográfica. Essa proposta não tem a pretensão de ser a única, mas de ser uma das muitas possibilidades de trabalho com cinema em sala de aula.

O resultado dessa iniciativa já vem sendo analisado por pesquisadores. Em sua dissertação, Porto (2013) conclui:

[...] o Projeto Cineclube nas Escolas avança ao apostar que o espectador é emancipado, que ele constrói aquilo que entende; na Igualdade das Inteligências (RANCIÈRE, 2011), como um

princípio e não um fim a alcançar, e nas mediações (MARTÍN-BARBERO, 2003), que evidenciam que a experiência crítica se dá na prática coletiva, ou na comunicação com uma alteridade. (PORTO, 2013, p.116)

Ferreira (2014) analisa em sua pesquisa a relação de 40 alunos do 5º ano de uma escola municipal carioca, localizada no bairro de Oswaldo Cruz, com o cinema, após a criação do cineclube MegaCine. Ela afirma que: “A partir do cineclube Megacine, as crianças refletem e dialogam com os seus pares e pesquisadoras sobre as narrativas dos filmes, construindo suas próprias leituras e narrativas, ao ressignificar o que viram com suas apropriações.” (FERREIRA, 2014, p. 36)

Mas os desafios para a realização do projeto em uma rede de ensino tão grande não são pequenos. Nas palavras de Porto (2013):

A investigação observou que o Projeto estudado assume diferentes feições, de acordo com a realidade e cultura próprias de cada escola visitada. Ainda que a concepção da gestão central do Projeto vise a valorização da linguagem audiovisual pelo prazer estético ou como um discurso artístico diferente do conhecimento científico, de um modo geral, predominam, na prática cotidiana do Projeto, a tradicional interpretação de texto e outros usos focados nos conteúdos escolares presentes nas narrativas audiovisuais. Isso demonstra que o audiovisual na escola sempre estará a serviço de um modelo de educação, que, por sua vez, é definido na tensão entre as finalidades de preservação ou de transformação social da instituição escolar. (PORTO, 2013, p.5)

O acesso à cultura e à educação são direitos primários, imprescindíveis à formação cidadã, mas, com grande frequência, a cultura aparece no currículo escolar como algo supérfluo ou de menor importância em relação às demais disciplinas. Para Fischer (1966), temos necessidade da arte, pois é ela que nos auxilia a compreender a realidade e a partir dessa compreensão nos possibilita transformá-la.

Na mesma perspectiva, Amount (2004, p.144), acredita que “o cinema é uma arte total que contém todas as outras, mas que as excede e transforma”. Assim como o cinema atua sobre os sistemas de significado da cultura – para renová-los, reproduzi-los ou analisá-los –, também é produzido por esses sistemas de significado. Para Turner (1997), o cineasta, como o romancista ou o contador de

histórias, é um *bricoleur*—uma espécie de faz-tudo que realiza o melhor que pode com o material que tem à mão. O cineasta usa os repertórios e convenções representacionais disponíveis na cultura a fim de fazer algo diferente, mas familiar, novo, mas genérico, individual, mas representativo. (TURNER, 1997, p.129).

Apenas exibir filme na escola, no entanto, não contribui diretamente na formação do aluno enquanto sujeito pensante, crítico e formador de opinião. A relação cinema e educação pode ser analisada em um contexto mais amplo, que envolva metodologias que tornem essa experiência parte integrante do currículo escolar. É importante tornar a exibição interessante e envolver os alunos em todas as etapas do cineclube, desde a escolha do filme até o debate e reflexão sobre as produções. Por isso, é necessário criar um espaço na escola, como o cineclube, que promova esse contato. É necessário incentivar a comunidade escolar a criar suas próprias narrativas audiovisuais, escrevendo suas histórias com sons e imagens.

A criação de um cineclube potencializa o uso do cinema na escola, pois os filmes se relacionam a vários campos do saber. Na escola do século XXI não cabe mais aquela visão única do filme ilustrativo do conteúdo. Ela precisa oferecer outras possibilidades de experimentação do cinema, enfatizando a descoberta. É importante que a escola oportunize a alunos e professores conhecer e aprender por meio de uma das principais linguagens contemporâneas: o cinema. Seu uso, como prática educativa, favorece o diálogo entre os conteúdos curriculares e os conhecimentos mais gerais. O cineclube tem o objetivo de ser um espaço democrático, estabelecendo um ponto de encontro para reflexão e discussão.

Os cineclubes franceses podem ser considerados como o marco histórico de um certo modo de ver cinema, que tem sua ênfase na reflexão sobre o conteúdo e a sociabilidade entre espectadores. O primeiro cineclube brasileiro—Chaplin Club—tinha como principais características: o encontro para debates após a exibição, o exercício do texto crítico reflexivo e a produção de novos filmes. (XAVIER, 1978; COSTA JÚNIOR, 1978) É justamente nessa perspectiva —sublinhada abaixo por Duarte (2012) quanto à literatura — que o projeto Cineclube nas Escolas visa promover, no contexto educativo, encontros voltados ao estético e à sensibilidade por meio do cinema.

Arte é linguagem e há diferenças significativas nas formas como uma dada linguagem é utilizada. Sabemos, por exemplo, que os

livros de Stephenie Meyer são qualitativamente diferentes dos de J.R.R.Tolkien. O que nos permite avaliar, escolher, distinguir e apreciar cada uma dessas maneiras de utilizar a linguagem literária não é adquirido intuitivamente e não advém apenas de nossa experiência pessoal com a literatura. Um conjunto de vozes e saberes subsidia essa capacidade. Estes saberes nos foram fornecidos, na infância, por adultos que orientaram nossas leituras e são atualizados, cotidianamente, na relação com nossos pares leitores. (DUARTE, 2012, p.2)

Embora o cinema esteja presente na escola a muitos anos e em todas as etapas de escolarização e nas diferentes disciplinas, ainda se faz necessário refletir sobre sua relação com a educação nos dias atuais. O desafio é ampliar seu uso para além do instrumental. É fomentar novas práticas que valorizem a estética, a ética, o contexto de produção, no qual a alteridade ganhe espaço. Trabalhar com o cinema, na escola, vai além de trabalhar simplesmente a cognição. Afinal, ele mexe com as emoções, assim como a literatura. E aprendemos mais quando somos provocados emocionalmente.

The art of meeting: the filmclub at school

Abstract: This article aims to present the experience report about the Rio de Janeiro municipal public network with the implementation in 2008 of the Cineclube Project in Schools. This text seeks to provoke reflections on the relation between Cinema and Education, besides presenting a methodology of work with films in a formal educational context. Through three axes - collection, cineclubista action (exhibition / production) and training - students and teachers have contact with the cinema in a differentiated approach. They are encouraged to access plural audiovisual narratives that aim to enable the development of aesthetic sensibility, critical thinking and creative autonomy in different fields of knowledge. The Cineclube Project in Schools is promoted by the Media-Education Management of the Municipal Education Secretariat of Rio de Janeiro - the largest public education network in Latin America. Access to culture and education are primary rights, essential to citizen education, but culture often appears in the school curriculum as something superfluous or of minor importance in relation to the other disciplines. For Fischer (1966) we need art because it helps us to understand reality and from this understanding enables us to transform it.

KEYWORDS: Art. Cineclube. Movie theater. Culture. Education.

Referências

- AUMONT, J. *As teorias dos cineastas*. São Paulo: Papirus, 2004.
- BERGALA, A. *A hipótese-cinema: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola*. Trad. Mônica Costa Netto, Silvia Pimenta, Rio de Janeiro: Booklink; CINEAD-LISE-FE/ UFRJ, 2008.
- COSTA JÚNIOR, H. M. da. *O onírico desacorrentado: o movimento cineclubistabrasileiro* (do engajamento estético à resistência política nos anos de chumbo – 1928-1988). 2015. 255 f. Tese (Doutorado em História Social) – Curso de Doutorado Interinstitucional em História Social, Universidade de São Paulo/Universidade Federal do Acre, São Paulo, 2015.
- DUARTE, R. *Cinema e educação*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2002.
- DUARTE, R. Documentários na Escola. In: ROMANOWSKI, J.P.; MARTINS, P.L.O.; JUNQUEIRA, S.R.A. (Org.). *Conhecimento local e conhecimento universal: diversidade, mídias e tecnologias na educação*, Curitiba: Champagnat, 2004.
- DUARTE, R. *O cinema de cada um*. Texto apresentado na abertura da aula inaugural do Projeto Cineclubes nas Escolas, 2012. Disponível em: <<http://cineclubesmerj.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 6 mar. 2015.
- FERREIRA, R. da C. *Cinema como espaço de aprendizagem: as narrativas das crianças sobre os filmes no ensino fundamental*. Monografia (Trabalho de conclusão do curso de Pedagogia) -Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<http://www2.unirio.br/unirio/cchs/educacao/graduacao/pedagogia-presencial/RENATACOSTAFERREIRA.pdf>>. Acesso em: 9 jan. 2017.
- FISCHER, E. *A necessidade da arte*. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.
- MENEZES, L. B. D. de; CALLAIS, C. *Os profissionais da educação infantil e o princípio da emancipação intelectual*. In: CONGRESSO LATINO AMERICANO DE ESTUDOS AFRICANOS, ASIÁTICOS DO BRASIL, 9. 2008. *Anais...*, Instituição Cândido Mendes: Rio de Janeiro, 2008.
- MORIN, E. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000.
- PORTO, B. M. de A. G. *Cinema, educação e o cineclubes nas escolas: uma experiência da rede pública municipal de ensino do Rio de Janeiro*. 2013. 149 f. Dissertação (Mestrado em Pedagogia)-Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/23891/23891.PDF>. Acesso em: 9 jan. 2017.
- RANCIÈRE, J. *O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

STAM, R. The Question of Realism– Introduction. I. STAM, R.; MILLER, T. *Film and Theory: An anthology*. Nova Iorque: Blackwell, 2000.

TURNER, G. *O cinema como prática social*. Tradução de Mauro Silva. São Paulo: Summus, 1997.

XAVIER, I. *Sétima arte: um culto moderno*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

Submissão: 28/10/2016 Aceito: 16/01/2017